

Mentor de parceria, Brunoro relembra superstição: 'Não podia faltar vela'

Dirigente detalha processo de montagem do 'timaço' do Palmeiras e recorda de detalhes da final do Paulistão de 1993

Por **Maria Clara Ciasca** São Paulo



José Carlos Brunoro não está no pôster de campeão paulista de 1993, tampouco recebeu medalha ou ajudou a levantar a taça, mas é parte fundamental do título que findou um jejum de quase 17 anos sem conquistas no Palestra Itália. Palmeirense desde criança, o dirigente topou largar a longa e vitoriosa carreira no vôlei para tomar frente do rico projeto da Parmalat, que visava reerguer seu time de coração. Acabou sendo o responsável por montar uma equipe memorável, base da Seleção nos anos 90.

Brunoro já era multicampeão no vôlei, tanto como atleta quanto como treinador, quando foi surpreendido com o convite para ser o comandante da co-gestão Palmeiras/Parmalat no início da década 1990. Técnico de futebol formado devido a um curso que fez por puro hobby, aceitou o desafio, mas não sem antes fazer um estágio no Parma, da Itália. E, em seu primeiro ano na nova função, viu o time chegar à decisão do Paulistão de 92, mas perder para o São Paulo. O vice-campeonato não foi motivo de frustração. Pelo contrário, acabou servindo de base para o que viria na temporada seguinte.

O time estava mal e o pessoal começou a escrever nos muros 'fora Brunoro''

Autor

- No primeiro time que montamos, demorei um pouco para pôr a mão. Passaram três meses, o time estava mal no campeonato, e o pessoal já começou a escrever nos muros "Parmalat é ilusão", "fora Brunoro", essas coisas todas. Aí começamos a trazer alguns jogadores experientes, com perfil de vitória, como Zinho e Mazinho, reintegramos o Evair, que havia sido afastado pelo antigo treinador, tinha o Cesar Sampaio também, e deu para formar um time bom, que disputou o título com o São Paulo. Falei para a Parmalat: "Se já conseguimos chegar à final, reforçando um pouco seremos campeões". E então fomos ao mercado - conta.

Em uma parceria que não se vê mais nos dias de hoje, a multinacional italiana colocava jogadores no Palmeiras sem a preocupação de lucro imediato. De acordo com Brunoro, não existia a possibilidade de a Parmalat vender atletas durante um campeonato, e qualquer decisão era tomada juntamente com o clube. Nesses moldes, foram contratados Antônio Carlos, Roberto Carlos, Cléber, Edmundo e Edilson. Campeão com o Bragantino, o técnico Vanderlei Luxemburgo chamou a atenção e, posteriormente, chegou para substituir Otacílio Gonçalves.

O time estava montado, mas para tudo funcionar bem dentro de campo era preciso ter sucesso também nos bastidores. Diante da enorme pressão pelas quase duas décadas sem título, foi criada uma diretoria com Gilberto Cipullo, Serafim Del Grande e Alberto Strufaldi, para blindar o futebol de qualquer pressão. Os presidentes da época, primeiro Facchina Nunes e depois Mustafá Contursi, também não interferiam nas decisões, garante Brunoro.

- Não imaginava que a fobia por títulos no clube fosse tão grande. Para nós do vôlei, ficar um tempo sem ganhar era algo normal, mas no Palmeiras o desespero era enorme. A pressão era grande, mas não deixaram que nada chegasse até mim. Tive muito apoio.



Brunoro atualmente é diretor executivo do Palmeiras (Foto: Gustavo Serbonchini)

Velas e meias brancas

Tamanho apoio virou confiança no Palmeiras, e nem mesmo a derrota no primeiro jogo da decisão com o Corinthians tirou a certeza de título de Brunoro, que, a pedido de Luxemburgo, assistiu ao jogo dos vestiários do Morumbi, através de uma televisão portátil. O dirigente recorda que naquele 12 de junho a preocupação maior não era com tática, provocação, motivação ou premiação dos jogadores. O importante é que não faltassem velas.

- O Palmeiras tem tradição de acender velas para Nossa Senhora de Aparecida e naquele dia não foi diferente. Mas o jogo foi para a prorrogação e as velas estavam acabando. Pouco antes do pênalti do Evair, falei para o Chiquinho, que era o roupeiro da época, "pelo amor de Deus, vai atrás de mais". Ele não sabia onde achar, correu, procurou e, no final, voltou com um estoque de velas para nós.

Outra superstição palmeirense naquele dia partiu de Luxemburgo. O técnico ouviu sugestão do "pai de santo" e seu conselheiro particular, Robério de Ogum, e pediu que o time fosse a campo com meias brancas, no lugar das verdes, combinação que não acontecia há tempos no clube.

- Tem algumas coisas que o futebol carrega e não adianta ir contra. Existe um aspecto emocional e psicológico muito forte. O Palmeiras estava disputando um título muito importante, e o Robério de Ogum falou que a meia branca nos daria sorte. Juntamos tudo isso. Já que o futebol é superstição, vamos com a meia branca que vai dar a gente. E acabou dando sem contestação.



Verdão a final com meias brancas, por sugestão de pai de santo (Foto: Marcos Mendes / Agência Estado)

Sem saudosismo

Vinte anos se passaram, e Brunoro jamais reviu aquela final. Pouco saudosista, como o próprio se define, o atual diretor executivo do Palmeiras consegue, por outro lado, dimensionar a importância do título de 93 para o clube e seus torcedores.

- O reconhecimento que tive foi monumental, todos me elogiavam, me cumprimentavam na rua. Até por isso refleti bem se valeria a pena voltar para o Palmeiras agora e correr o risco de perder tudo isso. Sei que depois que vendi o Barcos, 80% da torcida já não gosta mais de mim, mas são coisas do futebol. Nada vai apagar o que vivi aqui.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2013/06/mentor-de-parceria-brunoro-relembra-supersticao-nao-podia-faltar-vela.html>